



ECONOMIA DO MAR

Promoção Peniche e Estoril usam a costa para se projectar como palco de eventos mundiais

A nova vaga das Descobertas

Turismo náutico em destaque

Texto CONCEIÇÃO ANTUNES e J.F. PALMA-FERREIRA

A onda é cavada, tubular, uma ameaça para os pescadores de Peniche. Mas foi eleita como a onda ideal para apurar a perícia dos melhores surfistas do mundo. A praia de Supertubos prepara-se para acolher, de 19 a 30 de Outubro, uma prova de luxo do campeonato mundial de surf para profissionais, a Rip Curl Pro Search.

Não é a primeira vez que Peniche acolhe um campeonato de surf, mas entra assim no selectivo lote dos destinos eleitos para esta prova de elite (que em 2008 decorreu em Bali), e pela qual batalhou em cinco anos de negociações. Nos 14 dias do campeonato são esperadas 100 mil pessoas, estando os hotéis da região Oeste com ocupações a bater os 100%.

“Os holofotes vão estar focados em Peniche”, faz notar o presidente da câmara, António José Correia, que espera com este evento entrar no calendário regular das etapas do campeonato mundial de surf. “É importante não perder esta dinâmica e a notoriedade de Peniche como terra de mar, de ondas e para eventos de grande dimensão”.

Peniche também se perfila como local para um novo projecto em energia das ondas à escala mundial, desenvolvido pela finlandesa AW Energy. Virado para a

produção de energia renovável debaixo de água, através de um sistema com pás que oscilam com o movimento das ondas, o projecto foi testado pela primeira vez em 2007, na praia da Almagreira. Esta candidatura já foi submetida à Comissão Europeia.

Estoril na rota da vela em 2010

Conquistar projecção internacional através de eventos associados ao mar é uma aposta do Turismo do Estoril já com vários anos. Em 2009, as provas internacionais de vela (na foto) e de surf na re-

gião geraram receitas turísticas directas de €2,75 milhões e um acréscimo de 10,5 mil dormidas.

“Vejo o mar como um ícone e um emblema muito importante do turismo do Estoril”, salienta Duarte Nobre Guedes, presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril. No surf, a região já subiu em 2009 para o escalão das provas de seis estretas do campeonato World Qualifying Series (WQS), posição que irá manter no próximo ano. Para 2010, o Estoril também se está a bater pela realização de “um dos mais mediáticos eventos mundiais de vela”. Nobre Guedes frisa que a cobertura mediática é determinante, já que um terço dos turistas que vão ao Estoril ouvem falar da região através de eventos e da televisão.

O responsável do Estoril sustenta que se deveria investir mais no turismo náutico da costa nacional e na criação de uma fileira de serviços e reparações navais. “Há dezenas de milhares de turistas que vêm de barco do Norte da Europa para o Mediterrâneo e não param aqui”. Lembra que “o que existe no país em marinas e portos de recreio é uma gota no oceano. Com a costa e o clima que temos, porque não pensar em grande?”. Na baía de Cascais, este segmento começa a ganhar expressão. “É um mercado que conseguimos roubar a Cannes, e ajuda-nos a combater a sazonalidade”.

Para o Turismo de Portugal, “o mar é uma prioridade em todas as frentes”, e Frederico Costa, vice-presidente, lembra que o país está a ser promovido no exterior como “a costa Oeste da Europa”. Em 2009, os apoios a eventos na costa portuguesa totalizaram €2,4 milhões, onde se incluem €500 mil para o campeonato de surf que decorrerá em Peniche. “Ganhámo-lo a países como Nova Zelândia, Itália ou Espanha. Na vela ou no surf, estamos a candidatar-nos a eventos de vanguarda e que tragam muita gente a Portugal”.

Potencial de €20 mil milhões

Todas estas iniciativas empresariais suportadas pelos recursos marítimos portugueses integram o Hypercluster do Mar, estudo feito pelo ex-ministro das Finanças Ernâni Lopes a pedido da Associação Comercial de Lisboa (ACL). “Este estudo, pago por empresas privadas, pretende contribuir para que Portugal tire o máximo benefício da maior riqueza de que dispõe, que é justamente o mar”, observa o presidente da ACL, Bruno Bobone.

Para isso, o conjunto de empresas ligadas ao Hypercluster vai criar um Fórum Empresarial, cujo objectivo é seguir mais detalhadamente todos os assuntos que sejam susceptíveis de contribuir para o desenvolvimento da economia do mar, cujo potencial está avaliado em cerca de €20 mil milhões.

“Este fórum será o interlocutor directo do sector do mar junto do Governo”, esclarece Bruno Bobone. Os passos seguintes para desenvolver o Hypercluster serão a criação de legislação específica sobre o mar, um Conselho de Ministros para os assuntos marítimos, bem como um ministério consagrado ao sector.

Quanto às iniciativas náuticas entretanto promovidas pelo Turismo de Portugal de cariz desportivo (provas de surf e regatas à vela), Bruno Bobone considera que contribuem para reforçar a imagem marítima de Portugal. “Será importante para criar uma verdadeira cultura marítima em Portugal”.

cantunes@expresso.imprensa.pt



Ricardo Diniz, promotor do evento, aponta na largada em 2011

Regata com cores lusas dará volta ao mundo

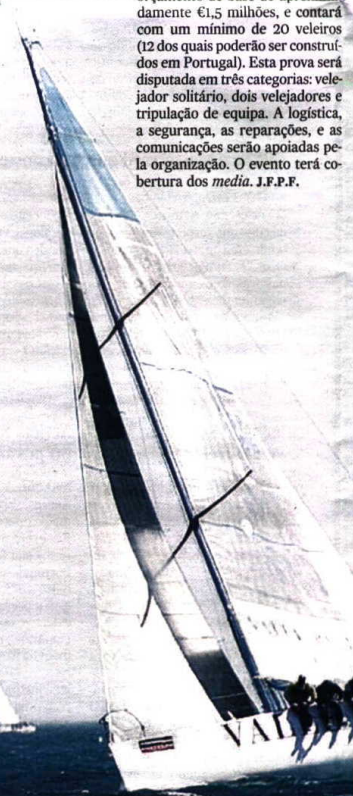
Apoiada pela Marinha, a regata Portugal Ocean Race levará sete meses a cruzar oceanos. A sua 'madrinha' é a fadista Mafalda Arnauth

O objectivo é ambicioso, mas, ao mesmo tempo, concretizável. Trata-se de criar, em 2011, a regata mais popular de todas a nível mundial, dispondo para tal de um orçamento reduzido. Promovido pelo velejador Ricardo Diniz — associado a Brian Hancock, que já participou em três regatas à volta do mundo —, este projecto é apoiado pela Marinha portuguesa e recorrerá a veleiros de 12 me-

tros (os Class 40), fabricados com tecnologias acessíveis (fibra de vidro). “Serão, por isso, fáceis de construir nos estaleiros portugueses”, admite Ricardo Diniz.

“Podemos fabricar em Portugal uma parte significativa dos veleiros que participem nesta regata”, considera o promotor, explicando que, “entre os nossos patrocinadores está a Martifer, que é proprietária do estaleiro Navalria, em Aveiro. Nessas instalações, há possibilidade de montar os Class 40 portugueses, cujos diversos componentes podem ser fabricados em todos os estaleiros nacionais especializados na construção em fibra de vidro”.

A regata — cujo percurso será Portugal-África do Sul-Nova Zelândia-Brasil-Portugal — terá um orçamento de base de aproximadamente €1,5 milhões, e contará com um mínimo de 20 veleiros (12 dos quais poderão ser construídos em Portugal). Esta prova será disputada em três categorias: velejador solitário, dois velejadores e tripulação de equipa. A logística, a segurança, as reparações, e as comunicações serão apoiadas pela organização. O evento terá cobertura da *media*. J.F.P.F.





Viver do surf na Ericeira

O surf é uma das mais promissoras indústrias ligadas ao mar. A Ericeira até já deu nome a uma marca portuguesa de moda

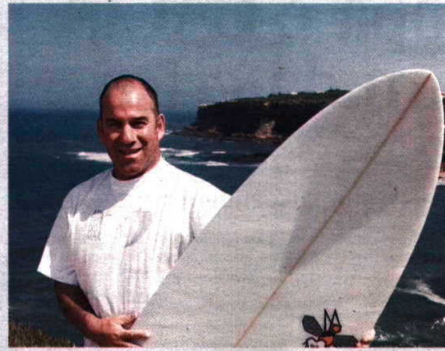
Há quase 30 anos que ganha a vida a fazer pranchas, e em Junho abriu a sua própria fábrica na Achada, perto da Ericeira. "Não sou rico, mas é disto que vivo e sustento a família", orgulha-se Rui Meneses, mais conhecido por Picos, de calções e camisa branca onde se lê "arquitecto do mar".

A sua paixão pelo surf é antiga: vendeu a máquina fotográfica para comprar a primeira prancha e aos 15 anos lançou-se, ele próprio, a fazê-las. Em 1988, veio para a Ericeira trabalhar na Semente, já então uma promissora fábrica, e por aqui ficou até hoje. "Estou no sítio certo. A Ericeira é a capital do surf e ponto de encontro das melhores ondas". Aos 44

anos, com experiência acumulada em diversos países, é um histórico em Portugal na arte de fabricar pranchas, e a sua empresa Picos Surfboards propõe-se vender para qualquer parte do mundo, através da página na Internet www.picosurfboards.com.

"Já produzimos cá em pé de igualdade com australianos ou americanos, não há necessidade de comprar pranchas fora", garante Picos, que quer pôr o escudo da bandeira nacional nas suas pranchas, numa tentativa de "dar valor ao que se produz em Portugal".

Reconhece que a sua opção de vida "foi um tiro no escuro, ninguém acreditava que era possível viver de pranchas de surf, até os meus irmãos diziam: olha lá, isto não dá futuro". Eram os tempos em que "as pessoas que faziam surf eram vistas como vagabundos ou marginais" e era tudo mais caseiro. "Atávamos a pran-



Rui Meneses, o "Picos", abriu agora uma fábrica de pranchas

cha ao tornozelo com tubos de clister, as nossas capas eram cobertores que comprávamos na retrosaria". Mas o panorama alterou-se desde então, o surf passou a ser praticado por elites e a movimentar uma indústria florescente. Picos tem clientes que vão desde "juizes a médicos ou comandantes da TAP" e as suas pranchas são quase um artigo de cul-

to. Cada uma é feita à medida, em função dos diferentes tipos das ondas, e custa em média €400. "Não há nada que me tire este tipo de vida. Posso trabalhar de chinelos e barba por fazer, e sobretudo tenho tempo para estar com os meus filhos". Como Picos, são cada vez mais os que vêm no mar da Ericeira uma fonte de negócio. "Está a apare-

cer muita malta nova a olhar para o surf como um modo de vida e a querer fazer disto profissão".

Foi na Ericeira que em 1982 nasceu a Semente, marca portuguesa de surf já reconhecida internacionalmente. E também a marca de moda Ericeira, hoje uma rede de 15 lojas com presença nos centros comerciais de Norte a Sul, e que tem perspectivas de expansão. "Os nossos clientes não são só surfistas", frisa Rodrigo Pimentão, diretor de marketing. "A roupa do surf não é como a do futebol, que se veste para ir aos jogos. As pessoas gostam do estilo de vida associado ao surf, sobretudo num país com tão forte ligação ao mar. É uma moda para ficar". Sublinha que a Ericeira já se afirma hoje, no mercado de grande consumo, pelo seu nome e como uma marca madura.

"É interessante como conseguimos levar o nome da nossa terra a todos os cantos do país", refere o responsável de marketing das lojas Ericeira. Projectos de internacionalização? "Já tivemos algumas ofertas, mas a prioridade é trabalhar bem a marca no nosso país. Um dia, quem sabe?". C.A.

Kitesurf e vela em grande expansão

As asas do kite proliferam nas praias portuguesas e a agenda de regatas à vela está a ficar lotada. Escolas não chegam para a procura

"Isto vai explodir!" Para o presidente da Federação Portuguesa de Vela (FPV), José Neves Leandro, não há dúvida que a utilização das condições marítimas portuguesas, para lazer e desporto, tem vindo a aumentar. "A procura pelos desportos náuticos é significativa, apesar da crise econó-

mica. Qualquer pessoa nota que têm aumentado as regatas nas zonas costeiras com melhores condições para velejar", refere Neves Leandro.

No entanto, o aumento da procura criou maiores exigências ao nível da formação nesta área. "Precisamos de aumentar a rede de formadores, para termos novos técnicos que assegurem as aulas necessárias a quem quer aprender vela, mas também para termos juizes adequados a todas as regatas agendadas", diz o presidente da FPV, admitindo que "para isso são precisas receitas, patrocínios e novos modelos para angariar meios".

Ou seja, admite que se esgotou o modelo das escolas de vela que funcionam com verbas públicas e dependem do empenhamento pessoal e altruísta dos formadores. Uma prova disso é dada por Ricardo Silva, que deu formação em vela durante 15 anos no Clube de Vela de Portugal, na Cova

do Vapor, perto da Trafaria. Hoje, o seu clube não tem instrutores para vela, porque não dispõe dos apoios públicos necessários.

Em contrapartida, na mesma zona, Duarte Coelho (na praia de São João da Caparica), não tem mãos a medir para dar aulas na modalidade de kitesurfing, que associa uma asa a uma prancha bidireccional. Aqui, os cursos são pagos por quem quer iniciar-se neste desporto.

Duarte Coelho reconhece que, nos últimos anos, as escolas de kite se têm multiplicado. "Em 2000 havia duas escolas e 20 praticantes em Portugal. Hoje, temos 23 escolas e cerca de 3000 praticantes", refere. Na Costa da Caparica, David Cóiás, outro praticante de kite desde a altura em que a modalidade surgiu, apostou na criação da escola Flykite-surf na praia da Nova Vaga. "No Verão — diz — até dou aulas a estrangeiros, sobretudo espanhóis e franceses". J.F.P.F.





Economia do mar dispara com grandes eventos

P16

FOTO JOSÉ VENTURA